

ANTOLOGÍAS HOMENAJE A ANDERSEN



**TOMO ESPECIAL
POESÍA EN PORTUGUÉS**

MARIÉ ROJAS TAMAYO

Portada: Lucy Marimón Alonso, Cuba

FOI ASSIM Ó



o sol dormia de borco
roncava igual o vovô
a lua clareava o terreiro
o galo desceu do poleiro
bateu as asas e cantou
cocorococóóóóóóóó
acorda sol preguiçoso

o sol piscou só um olho
babava no travesseiro
o galo cantou de novo
cococorococóóóóóóóó
despertou os galos todos
chamou também os cachorros
cococorococoóóóóóóóó
au au au au au
acorda sol vagaroso

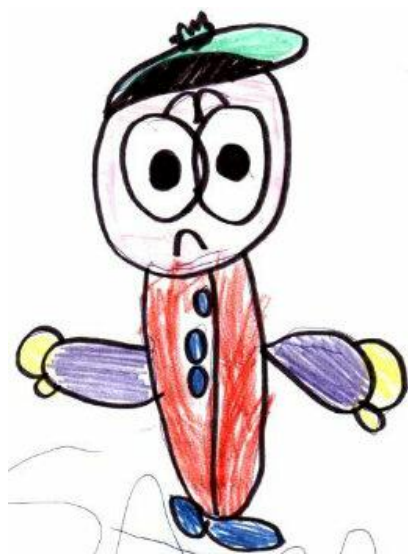
os passarinhos o pato
firifiu firifiu quá quá quá
a galinha também veio
ajeitou no ninho o ovo
o sol remexeu-se um pouco
desprende um raio e outro
só depois o facho inteiro

cocoricó cocoricó

firifiu au au au
quá quá quá

bernardinha espreguiçou
tuniquinha desceu do berço
eita dia gostoso
de sol aceso

DESPERTAR



o azul chegou
sol afobado
estamos à janela
há um espetáculo
a lua de papel
vestido transparente
rodopia nos braços
do bolero de ravel...

passarim voa contente
a brisa sopra leve
toca o sino da capela
acorda minha gente
a beleza se excede...

MAIS UMA VEZ...

e depois da noite escura
eis que a manhã ela surge

a trazer-nos claridade
os pássaros cantam ao longe
vem também um cheiro bom
de café fresco de leite
de flores de frutos
do teu perfume
parece haver esperança
coração inda criança
anseia pelo porvir...

A PINTORA SARAH

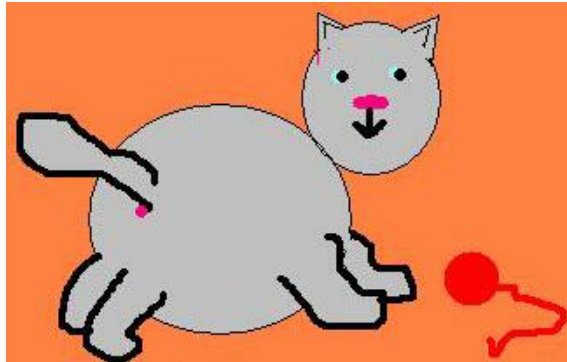


então permitas
cairão do céu os teus azuis
a lua rolará em tua tela
anjos trarão nuvens de algodão
ouvirás o guizo das estrelas
um poeta guiará os teus pincéis
e virão de outros planetas
os teus modelos

Liria Porto
Brasil
Liria@Uai.Com.Br

Ilustraciones: Sarah Graziella Respall
5 Años Cuba

VIOLA QUE VIOLAVA



A casa era amalucada,
comprida, torta e achatada.

Na sala tinha um quintal,
aonde se via uma mala
nada nada usual,
era alada, aquela mala.

De repente ela voou,
ventou numa disparada,
pousou, se abriu e soltou
na sala, uma animalada.

Não se sabe de onde vinha,
o som duma violinha
e duma voz debochada,
bastante desafinada:

*- O pavão tão bonito
que saiu da mala alada,
tem um leque azulão,
mas não sabe fazer nada.*

Pavão fingiu não ligar
mas com o rabo do olhar,
ele examinou a sala,
pra ver de quem era a fala.

Não achando a voz de lata,
o pavão numa bravata

espetou uma batata
que por acaso ali estava.

" Mas de quem é essa voz,
misteriosa e atrevida!! "
todos se perguntavam,

E ela continuava,
ria muito e debochava.
do soluço da girafa,
da sapa verde-garrafa,
fez pouco do peixe-lua,
assoviou pra perua,
também miou para o cão
e latiu muito pro gato.
Cantou um mambo pra sapa
que saltava e caía
sobre as sandálias altas
e afinal se engastalhou
no chifrinho da girafa.
Um peru rodopiava,
tentando ajudar a sapa...
Voz e viola voltaram,
em tom de flauta rachada...

- *Peru, bobo e assanhado,
veja só, toma cuidado!
No tombo a sapa te cata,
tempera e faz um assado!*

(Perú) : *gluglu hic glu, hic!*

(sapa): *Voz co-var-de! Me-a-guar-de!*

A girafa soltou a batráquia...

Havia um cão tão estranho...

- *Quererá dizer o que, esse ronco em minha barriga ?*

Estava preocupado
e sequer tinha notado
a salsicha enrolada

em sua própria cauda.

Falava mas não sentia,
o cheiro que não achava.

De repente...disparou atrás de si, sem poder se alcançar.

Viola e voz atacaram, desta vez, robotizadas:

*- Qual é a do cachorrão
que esqueceu-se que o cão,
tem a fome na barriga
e não na preocupação ?*

O cachorro fungou e correu, fungou fungou e latiu:

*- Fantasma ou assombração?? AOUUU Será sim,
ou será não ??? Sííímmmm ????? AOUUUU ããuu!!!*

Um gato vendo a confusão do inimigo... vápt!
quase que rouba a salsicha amarrada ali no cão.
A salsicha - no meio da confusão- escapou de cão e gato
e mergulhou num pão quentinho, recheado de mostarda.

Neste exato momento surge um bigode falante
e...pega o pão!

(Bigode falante:) - Iammm! Trata-se de um rótidógui...

Mas como um bigode ia comer, se boca não tinha não ?

* *-Sandui-cão sem dono nô nô nô!!* cantou a voz buzizada:

Os bichos queriam acabar com a voz e a violinha, viola que violava...

Nisto a porta se abriu, entrou uma meninícula, fantasiada de bala.
O bigode pulou no rosto da pequenina, pra comer o rótidógui,
mas é claro que não colou, ele era demais de pesado.

A salsicha tremeu e o pão uivou...

Por Catichupi!

!

Os animais encararam a menina...

- *É' desta menina a voz fantasma!*

Os bichos queriam pegá-la,
a pequenina fugiu pela samambaia
até a prateleira sobre a janela despintada.
Ali, ela descobriu o mistério
e o dono daquela voz abusada:
era um cupim cantador, arranhando a violinha,
viola que violava...

(menina): *Achei! Achei o culpado !*

(sapa): *Pega, pega o danado!*

O cupim, desapareceu em seu próprio labirinto.

A menina tentou pegá-lo
mas caiu feito uma pena
sobre a cama desarrumada.

Ainda zonza, tentou acordar mas tudo o que conseguiu, foi virar de bruços e
aí deu de cara com a caixa de bombons vazia, debaixo da cama ao lado.
Lembrou-se da noite anterior...e todos aqueles bombons que ela nhóct,
havia devorado!

(menina): - Argh!

Só então ela entendeu o que havia se passado:

- *Mãezinhaa!!*

- *O que foi, Lála?*

- *Tive um pesadelo pesado!*

A mãe acalmou a filha
no calor de seu abraço.

* SANDUIcão (sic)

VELHA HISTÓRIA DE ROUPÃO



A formiga e a cigarra
discutiam
aquela antiga questão...
(ilustração da cigarra cantando) : " CANTAR !!!!
Cantar faz tão bem ao fígado,
aos pulmões, ao coração,
aos ouvidos, ao estômago;
esta vida é uma canção! "

(ilustração da formiga falando): "TRABALHAR !!
Trabalhar na primavera,
no outono e no verão
traz comidinha e abrigo,
pra suportar o inverno!

No bosque, todos paravam
para assistir a questão.
As torcidas apostavam
na maior animação.

Comentários da cotia,
palpites de gato a cão.
papagaio repetia:
- Velha história de roupão!

Certo dia, elas brigaram
e tanto elas discutiram,
que...
numa guerra de sopapos,
ferroada e arranhão...
elas se viram aos cacos

espalhados pelo chão.

Frente ao bosque calado
chocados com a situação,
as duas cataram cacos, (do jeito que foi possível !)
e assim ficaram então:

CIFORRA e GARGAMI

Elas se examinaram...
o que poderiam fazer ?
e então se perguntaram:
“nada mais a se dizer?”

Logo foram contratadas
pelo “Circo Abracadabras.”
Todos queriam olhar
a dupla espetacular.

CIFOORRA

era grande atração,
dançando ao som da guitarra
trombone e percussão.

GARGAMI

era também atração,
tocando uma flauta antiga,
animando a canção.

Nunca mais forrobodós
quando ficavam à sós,
nunca mais o bosque antigo,
nunca mais nenhum amigo?

Mesmo com fama e fortuna,
-tanto a outra como a uma-
queriam viver de novo
em sua terra com seu povo.

As partes-formiga sonhavam:
" Ah, o meu formigueirommm... "

As partes-cigarra queriam:
" Ah, minha árvore amigammm..."

O bosque tinha saudade
do debate e conclusão.
Mas essa fatalidade
punha fim na reunião.

A coruja pressentia:
- Eu sei que elas voltarão.

Papagaio repetia...
- Velha história de roupão!

GARGAMI E CIFORRA,

foram ao Siri Urgião,
um doutor de fama e garra,
o melhor da região;
ganhou prêmio num congresso
por mais este seu sucesso
de arte consertativa
com a cigarra e a formiga.

Um mês depois...
A cigarra se espelhou
em uma folha molhada
e então comemorou
cantando maravilhada.

A formiga, se olhou
numa gota de orvalho
e então comemorou
com muito muito trabalho.

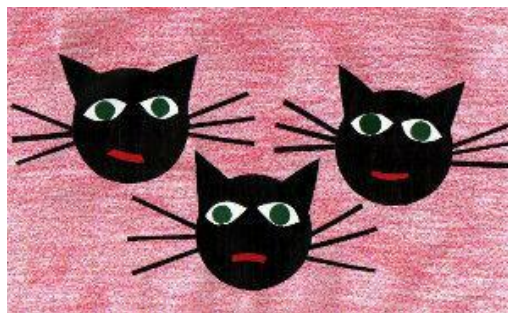
Pelo bosque enfeitado,
animado, emocionado
elas foram aplaudidas,
e com flores, recebidas.

Papagaio repetia:
- Velha história de roupão!

Cláudia F. Pacce
Nueva Zelanda – Brasil
claudiapacce@uol.com.br

Ilustración: Isadora Culau
Brasil
Edad: 8 años, 4to grado
Correo: isadoraculau02@yahoo.com.br

Meu Gato.



meu gato
pegou uma pulga
tão grande

que
não sei
se tenho um gato
com pulga

ou uma pulga
que tem o meu gato

Papagaio/paparazzo.



papagaio
paparazzo
futriqueiro
come papa

quando range
velho portão
para

espia o muro

não tem meio
não tem fim
papo de papagaio

Edson Bueno de Camargo

Brazil

camargoeb@iq.com.br

Ilustración:

***Meu Gato. Suset González Roditi, 9 años, 4to Grado
Papagaio/paparazzo. Amanda Álvarez Santana, 5 años
Taller de Artes Plásticas: "CORAZON"***

Municipio: Regla.

Asesora: Zomnia Miranda

ipacheco@inder.co.cu

nolberto@uermp.cu

Tesouros de um pirata, no fundo de um quintal...



Despedi-me muito cedo dos brinquedos
De minha infância!
Eram miniaturas de super-heróis,
Carrinhos, bolinhas de gude, peões...

Lembro-me, claramente, de tê-los
Enterrado no fundo do quintal.
Lá de casa, embrulhados em plástico
Incolor e cerrados numa caixa de sapatos velha
Que alguém fora jogou,

Deixei ali meu legado para as futuras gerações?
Não, no máximo e com muita sorte, os filhos
de algum vizinho viram onde enterrei meu tesouro.
E no dia seguinte apossaram-se dele!

Ficaram só as lembranças...
Da casa sempre cheia em dias de festa,
De Golias, o gato, fugindo de Sansão
O vira-latas de três cores que adotamos
Numa noite de inverno que chovia.

Da juventude despedi-me com a pressa
Própria desses tempos.
Bailes frustrantes, pouco dinheiro e
Nenhuma preocupação em planejar um futuro!

Amigos? Lembro-me de todos eles...
Seus paradeiros, seus destinos,

Sabem mais as pedras de uma rua que eu!

Agora, meio desanimado
Um tanto cansado.
Aflito com coisas do dia a dia.
Procuro, desesperadamente,
Lembrar como se enrola a fieira
No peão...para ensinar a meu filho.

Num mundo de tanta tecnologia,
Ele parece-me fascinado com uma
Coisa tão simples.

Outro dia, tiramos uma tarde quase inteira
Em proveito próprio! Brincando com bolinhas de gude,
Não é que ele venceu-me nas apostas e
Tive que ir comprar mais bolinhas!?!

Tenho que lembrar-me como se faz pipas!
É urgente, para amanhã...antes do horário
Da exibição daquele desenho japonês que
Não entendo absolutamente nada!

A noite leio-lhe histórias de piratas, antes de dormir.
Na verdade, seguro o livro na frente dos olhos e conto-lhe
as histórias que aprendi com minha mãe.
Procurei por uma vida inteira, pela
Felicidade...e, só agora, percebo que
Há muito ela procurou-me.

Não nos sonhos que realizei, tão pouco d'algo
serviram-me as amarguras e frustrações de uma vida modesta.

E sim, naquela pipa que fiz com
Minhas próprias mãos e que voôu para
Longe numa manhã de verão.
Nos brinquedos que deixei para traz, para outros
meninos que tinham menos que eu.

Nos dias que vivi, correndo atrás do gato e do cachorro.
Dos caminhos que trilhei...

Cúmplices



Fins de tarde
A beira do velho fogão
Da casa de minha vó.

Sumiam, misteriosamente, e
Como sumiam as coisas
Naquela cozinha!

Eram lingüiças, salsichas e
Almôndegas raptadas pelas
Pequenas mãos de menino meladas de doce...

Quais? Lembro-me de todos!
Goiabadas, marmeladas, doces de leite.

A culpa desses pequenos furtos?
Recaia sobre o velho vira-lata, claro.
Afinal dividíamos o lucro
Destas obtusas empreitadas.

Dividíamos as salsichas e lingüiças
Pelas metades, já as almôndegas eram
Deleites apenas meus.

E pensar que olhávamos acusadoramente
Para o gato desdentado que passava a nossa

Frente, sempre fugido.

Todos sabiam que éramos cúmplices!
Hoje, percebo, nunca enganamos ninguém.

Cores



Velho retrato pendurado
Na parede suja.
Por que trazes-me tantas lembranças?

O céu nunca mais foi tão azul,
Quanto naquele dia de verão já ido.

Nenhum vermelho, jamais, será ou terá
Tanta vida quanto as folhas de seda daquela pipa.

Nem grama tão verde outra vez encontrei...
Nenhuma água mata a minha sede como a
Daquela bica.

Tão pouco escrevi palavras tão sinceras quanto
Os bilhetes que escrevi para minha mãe,
Às vésperas do Natal, às vésperas do dia das mães.
Às vésperas de toda ocasião importante ou comemorativa.

Dizendo o quanto á amava.
Não, não...as cores jamais serão as mesmas.

Qual guache nos dedos de um menino

Que um dia desenharam castelos no branco do papel,
Hoje desbotado.
Perderam o sentido, a ingenuidade, a capacidade de vê-las
Com a única beleza que têm.

Autor: José Carlos da Silva
BRASIL
e-mail: zecasaobernardo@bol.com.br

Ilustraciones: Sarah Graziella Respall
5 años, preescolar, Cuba

Soneto a Christian Andersen



Contos que aqui se contam
São veludos de infância,
Primor de relevância...
Que crianças se encantam!

Duzentos anos de nascer!
De um gênio infantil.
Com estórias tão sutis
Que nunca hão de morrer.

Cristian Anderson não cansa,
Jamais vai desaparecer
Enquanto houver criança,

Que seus contos vão querer,
Hão de ter a esperança
De nunca vê-los fenecer...

Sônia Maria Boa Vista Maia
Brasil-Pernambuco- Recife
soniamaiaa@yahoo.com.br
sonianonaa@hotmail.com
nonamaiaa@pop.com.br

Ilustración: María Gabriela Maragoto
6 años
Escuela Tomás Romay, Cuba
ideasz@jovenclub.cu